



UMA VISÃO CRÍTICA DO DISCURSO MIDIÁTICO DE UM PROGRAMA DA TV FRANCESA SOBRE OS ATENTADOS TERRORISTAS EM PARIS

A CRITICAL VIEW OF THE MEDIATIC DISCOURSE OF A FRENCH TV SHOW ON THE TERRORIST ATTACKS IN PARIS

Talita Souza MAGNOLO ⁵¹
Janaína Cardoso DA SILVA ⁵²

RESUMO - O artigo propõe a análise de um programa de televisão exibido pelo canal francês *France2* que revive, um ano depois, detalhes dos ataques terroristas que marcaram o dia 13 novembro de 2015, em Paris. O objetivo é, através de uma visão crítica, discutir a opção da produção pela utilização de elementos típicos de filmes e a construção de uma narrativa que chocou os telespectadores. Será debatida a necessidade de refletirmos sobre o poder, cada vez maior, da televisão enquanto disseminadora de conteúdos sociais e culturais e suas respectivas ressignificações, que podem impactar uma sociedade, através de uma linguagem sensacionalista, disseminação do medo, da insegurança na sociedade.

Palavras-chave: Televisão. Sensacionalismo. França. Ataque terrorista. Literacia.

ABSTRACT

The article proposes the analysis of a television program shown by the French channel *France2* that revives, a year later, details of the terrorist attacks that marked the 13 of November of 2015, in Paris. The objective is, through a critical vision, to discuss the choice of production through the use of typical elements of films and the construction of a narrative that shocked the viewers. The need to reflect on the increasing power of television as a disseminator of social and cultural content and its respective significations, which can impact a society through sensationalist language, spread of fear, and insecurity in society, will be debated.

Keywords: Television. Sensationalism. France. Terrorist attack. Literacy.

⁵¹ Doutoranda em Comunicação pela UFJF, Mestre em Comunicação pela UFJF, Pós-Graduada em Marketing e Negócios pela UFJF, Bacharela em Publicidade e Propaganda pelo CES/JF. Membro do Grupo de Pesquisa (CNPQ) Comunicação, Cidade e Memória.

⁵² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora

1. Introdução

A noite de 13 de novembro de 2015 marcou a história da França. Ataques terroristas coordenados em Paris, mataram 130 pessoas e deixaram mais de 350 feridas, várias, em estado grave. Cinco restaurantes, uma casa de shows – *Bataclan* - e as proximidades do *Stade de France* que recebia um jogo amistoso entre a seleção da França e a seleção da Alemanha, foram atacados simultaneamente e chocaram o mundo. Um ano após os ataques, o canal de TV *France 2* exibiu no dia 13 de novembro de 2016, um programa jornalístico⁵³, com duas horas de duração, narrando os detalhes da tragédia, lembrando a dor, o sofrimento e expondo uma série de erros que incluem falhas no serviço nacional de informações do governo, despreparo da polícia, atrasos no início da intervenção das forças especiais de segurança, rixas entre esquadrões de elite, protocolos rígidos que ocasionaram inadequação nos procedimentos de socorro, além de comunicação equivocada às famílias das vítimas.

O nome do programa: “Célula de crise 13 de novembro, quando a França vacila”⁵⁴, já revela a opção por uma metanarrativa específica: a insegurança de uma sociedade entregue ao azar. “O que seria uma partida de futebol, um show ou uma ida a um bar, fuge do esperado e surpreende as pessoas ao dar lugar a cenas de violência, desespero e morte.” (SOUZA, 2016). Após duas horas de programa, duração de um longa metragem, pode-se concluir que a mensagem é clara: ninguém mais está seguro, seja em Paris, seja em qualquer lugar do mundo. As liberdades estão em jogo. Viver o cotidiano passa a ser arriscado. Guiddens (1999) explica que a sociedade cosmopolita globalizada e a evolução tecnológica possibilitaram a comunicação instantânea, a facilidade de locomoção ao redor do planeta e a intensa interculturalidade, transformou inimigos em riscos e perigos.

Atualmente, vivemos em uma sociedade voltada para a mídia e seus discursos construídos. Apesar de serem dotados de estratégias discursivas, são raros os momentos em que os discursos da mídia são percebidos pelo público de forma crítica. A literacia midiática propõe, de maneira geral, entre outras coisas, a reflexão e um entendimento crítico sobre a mídia, ou seja, ao invés de simplesmente recebermos determinada informação sem questioná-la, passamos a entender criticamente os discursos produzidos, mas também, começamos a perceber, inclusive, como os produzimos. O programa desenvolvido e transmitido pela TV *France 2*, se apoiou em uma linha de construção narrativa sensacionalista e de identidades e

⁵³ “Célula de crise 13 de novembro, quando a França vacila”. No Brasil, o programa foi exibido pelo canal internacional *TV5 Monde* no dia 14/11/2016. O programa é uma produção *Brainworks* com a participação da *France Televisions*. <<https://www.youtube.com/watch?v=Wt8Hk3-L7OI>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.

⁵⁴ Tradução nossa.

“clihês” sociais e culturais.

Ao mesmo tempo que interliga o mundo em intrincadas redes de relações econômicas, tecnológicas e culturais, a globalização em sua complexidade paradoxal, é também responsável pelo fortalecimento das identidades culturais. Guiddens (1999), assinala que não se trata apenas daquilo em que as pessoas acreditam, mas da forma como acreditam e justificam sua crença. Enfatiza ainda que o fenômeno não é intrínseco apenas à religião, mas à política, à etnia e ao nacionalismo. Sua teoria afirma ser o fundamentalismo “filho da globalização” e originário no mais profundo mundo das tradições. No mundo globalizado e tecnologicamente sofisticado, onde pessoas distantes passam a ter acesso - via imagens e informações transmitidas ao vivo ao redor do planeta - a estilos de vida e pensamentos diferentes, as reações inevitavelmente serão diversas.

Zigmunt Bauman (2002) define a convivência com o “diferente” como uma arte. “Quanto mais eficaz a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera” (BAUMAN, 2000). Da insegurança e do medo gerado pelos “estranhos no portão” nasce a xenofobia como um porto seguro abrigado pela identidade comum e não mais por interesses partilhados. Há uma nova ordem de laços sociais frágeis no mundo segundo Bauman (2000), que teme a invasão de “corpos estranhos” e pulsa de uma necessidade de purificação para se proteger, estruturando a origem de novas políticas de separação étnicas e barreiras contra a chegada de estrangeiros.

Ao relatar sobre o testemunho⁵⁵ de Gabriel Gaspar, jornalista brasileiro residente em Paris, Souza (2016) enfatiza o medo de pessoas com ascendência árabe ou possuidores do tipo físico árabe de saírem às ruas logo após os ataques de 13 de novembro. “Os muçulmanos que vivem em Paris se mostram apreensivos em relação ao preconceito e às retaliações dos franceses, se configurando também como vítimas do atentado” (SOUZA, 2016). O risco aí assume novas vertentes e todos passam a temer a todos. Quando um programa jornalístico de televisão decide homenagear e recordar a data de uma tragédia terrorista exibindo o resultado de uma extensa investigação jornalística que desvela, além da arquitetura da maldade, erros graves no processo de segurança de um país, atacado por uma rede terrorista internacional que se afirma muçulmana radical, estabelece-se e consolida-se dessa forma um “outro” com altos níveis de perigo.

Políticas de separação étnicas citadas por Bauman (2000) demonstram que esforços não

⁵⁵ Relato realizado em matéria exibida pelo programa da TV Globo, *Fantástico* em 15/11/2015.

faltam para manter o “diferente” à distância, como a sistemática fortificação e a burocratização de fronteiras que só permitem o trânsito de pessoas que possuem a mesma identidade. Situações que revelam para o autor, a “fragilidade ou fluidez dos laços sociais”. Segundo ele, os governos em sua impotência não conseguem atacar as raízes da insegurança e da ansiedade dos cidadãos e se refugiam no fechamento de seus territórios e na recusa ao diálogo com o “outro”. A amplificação midiática sensacionalista de atos terroristas praticados, em sua maioria, por franceses muçulmanos descendentes de árabes, como no caso que estudaremos a seguir, reforça ainda mais a xenofobia contra nascidos em território francês.

Neste artigo, propomos uma análise crítica sobre o programa “Célula de crise 13 de novembro, quando a França vacila”, transmitido pela TV *France 2*, com o intuito de perceber como foi feita a construção narrativa do programa, mas também como é importante o desenvolvimento de algumas competências técnicas que auxiliam na formação de um pensamento mais crítico e a adaptação diante das mudanças tecnológicas que acontecem diariamente ao nosso redor. Atrvés da análise buscaremos propor que o indivíduo, cada vez mais, precisa se tornar consciente das forças midiáticas e também perceber que é necessário desenvolver a capacidade de questionar os modos como estamos usando a mídia e a tecnologia. Tais competências vão permitir que os interlocutores – no nosso caso, os telespectadores – façam escolhas e tomem decisões mais informadas e se comuniquem com os outros criticamente. Para embasarmos nossa análise, optamos pela utilização da metodologia de Análise de Conteúdo.

2. A Literacia Midiática enquanto ferramenta para uma visão crítica

As transformações ocorridas no ambiente da comunicação durante a última década incentivam a revisão dos parâmetros a partir dos quais a educação midiática deve ser praticada. Joan Ferrés e Alejandro Piscitelli (2015), discutem sobre alguns critérios que norteiam a educação midiática, com destaque para uma proposta articulada entre dimensões e indicadores para definir a nova competência midiática contemporânea. A proposta mencionada pelos autores, foi efetivada por diversos pesquisadores e ajustada a partir da contribuição de especialistas espanhóis e estrangeiros, embasada em seis dimensões: linguagem, tecnologia, processos de interação, processos de produção e difusão, ideologia e valores e dimensão estética.

São considerados dois âmbitos: a produção das próprias mensagens e da interação com as mensagens alheias. É necessário, cada dia mais, desenvolver a educação midiática, combinando o espírito crítico e estético com a capacidade de expressão e o desenvolvimento

da autonomia pessoal com o compromisso social e cultural. Deve-se ainda considerar a revolução tecnológica, que estimula as mudanças ocorridas no entendimento da mente humana, principalmente, a importância das emoções e do inconsciente sobre os processos racionais e conscientes.

De 2005 a 2010 foi realizada uma pesquisa financiada pelo Conselho de Audiovisual da Catalunha (CAC) e o Ministério da Educação, na Espanha, com o objetivo de avaliar o grau de competência midiática da cidadania. A pesquisa foi feita através da aplicação de 6.626 questionários, 31 entrevistas e 28 grupos de discussão em toda a Espanha. [...]. A pesquisa teve início com a elaboração de um documento, feito em consenso por um grupo de especialistas espanhóis que apresentaram as dimensões e os indicadores que definiam o limite da competência midiática. Atualmente, a pesquisa está sendo complementada pela comissão de três projetos coordenados I + D + i, financiados pelo Ministério de Ciência e Inovação e dirigidos por Joan Ferrés, da Universidade Pompeu Fabra, [...] (FERRÉS; PISCITELLI, 2015).

Paolo Celot (2012) afirma que a sociedade contemporânea necessita de indivíduos tecnologicamente competentes. Dada a nossa proximidade com os meios de comunicação, é natural que nosso censo crítico se perca diante da significativa quantidade de informações que recebemos diariamente. Segundo o autor, para atingirmos um verdadeiro pensamento crítico sobre a mídia, é necessário compreender as forças que existem por trás da mídia, responsável por controlar todas as informações. Atualmente interagimos com empresas ricas e importantes, que, em sua maioria, sobrevivem de publicidades simuladas, manipulação de imagens e identidades falseadas. Além disso, as empresas – que podem ser desde rádio, TV, computador, entre outros – constroem narrativamente as informações que disseminam, trazendo junto de seus discursos certa parcialidade e, notoriamente, subjetividade sobre a informação em questão.

A qualidade na televisão, por exemplo, tem sido analisada desde os anos 1980 por diversos autores, sobretudo no âmbito do serviço público de televisão europeu, tendo sido introduzida no Brasil nos anos 1990. De acordo com Gabriela Borges (2013), embora seja um conceito controverso e muitas vezes rechaçado pela academia, é muito importante discutir sobre a literacia midiática, dado o momento em que vivenciamos a convergência dos meios, em especial da televisão com a internet.

Esta convergência, como bem pontua Jenkins (2009), é muito mais humana do que tecnológica e traz uma nova configuração que diz respeito à cultura participativa, a qual propicia uma atuação diferenciada dos indivíduos na sociedade. Neste contexto é que o debate sobre a literacia midiática torna-se ainda mais relevante uma vez que está relacionada com a qualidade da produção audiovisual. A literacia midiática está relacionada com a qualidade no sentido em que os cidadãos precisam ter e/ou adquirir competências para compreender criticamente os meios audiovisuais e criar conteúdos originais, criativos e que respeitem os direitos individuais e do consumidor (BORGES, 2013, p.2).

Segundo Anne Cristine Ferraz de Oliveira (2016), para tornar possível fazer uma leitura crítica da informação midiática, utilizando a literacia midiática, que pode ser obtida através da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), que envolve competências como o entendimento do papel das mídias e da informação na democracia, cujas funções são identificar, descrever e avaliar questões de utilidade pública das mídias, bem como dos provedores de informação nas sociedades, além de descrever a ética midiática e informacional. Outra competência apontada por Oliveira (2016) é a compreensão dos conteúdos das mídias e dos seus usos, ou seja, saber interpretar e traçar ligações entre os textos de mídia, contextos e valores projetados pela mídia. Para nossa análise, esta competência será de grande importância, pois é através dela que usaremos estratégias para analisar estereótipos criados pela mídia.

Outro aspecto significativo que devemos levar em conta é a capacidade de avaliação crítica das informações e suas fontes, quer dizer, trabalhar a capacidade de examinar e comparar informações de diversas fontes, a fim de avaliar sua confiabilidade, validade, autoridade e tendência (OLIVEIRA, 2016). No programa analisado, buscaremos ainda, interpretar os textos da mídia nos contextos culturais, sociais e políticos nos quais a informação foi criada. Uma vez que o programa foi televisionado, devemos nos atentar de que existem outras fontes de informações que podem e, neste caso, devem ser consultadas para a realização de buscas básicas de informação online.

Caberá ainda perceber ao longo de nossa análise, o que Oliveira (2016) propõe como sendo a avaliação do contexto sociocultural dos conteúdos midiáticos. Através desta competência, poderemos analisar como as regras e as expectativas que regem os gêneros de mídia podem ser manipuladas para provocar efeitos e resultados específicos, por meio de discursos que apresentam diferentes perspectivas e representações. A análise do programa exibido pelo canal *France 2*, será embasada na metodologia de Análise de Conteúdo, proposta por Lawrence Bardin (2016). Em tempo, com análise, tentaremos demonstrar a importância da literacia midiática para a sociedade contemporânea em que vivemos e propor uma reflexão sobre os conteúdos e discursos que estão sendo disseminados pela mídia, nos dias de hoje.

3. A espetacularização do medo: o programa exibido pela *France 2*

O programa exibido canal *France 2*, cuja programação inclui telejornalismo, documentários e entretenimento de qualidade, se constitui em uma mistura de jornalismo investigativo, analítico e, nesta produção, sensacionalista. Já os três primeiros minutos e

dezenove segundos que compõem a abertura do programa não deixam dúvidas: com trilha sonora de suspense, imagens reais e simuladas da tragédia vão sendo intercaladas em cortes rápidos, com trechos da fala do presidente da França, François Hollande, transmitida ao vivo em rede nacional, ainda na noite dos atentados, que anuncia entre sons de tiros e imagens caóticas este “momento tão difícil” à população francesa. Depoimentos que serão assistidos na íntegra durante toda a produção televisiva são exibidos em trechos curtos, intercalados com imagens reais, sons de tiros, luzes, sirenes de ambulâncias, áudios de comunicações do rádio da polícia no momento dos atentados. Imagens de correria e vítimas sangrentas sendo socorridas tomam conta da tela também em cortes rápidos que conferem ritmo alucinante à edição, típico de filmes policiais de ação. Em meio ao caos da primeira edição de imagens, o apresentador David Pujadas assume a condução do programa. Na bancada do estúdio de jornalismo do canal *France2*, Pujadas informa que o material que os telespectadores vão assistir não foi autorizado pelo Ministério do Interior Francês, enfatizando que vários dos participantes que aceitaram dar seu depoimento o fizeram sob risco.

O apresentador define o conteúdo que será exibido como um documento que vai questionar se a França, mesmo em estado de vigilância máxima desde os atentados que mataram 17 pessoas e feriram outras 18 - no jornal *Charlie Hebdo*, em *Montrouge* e no estabelecimento *Hyper Cacher*⁵⁶ - em janeiro do mesmo ano de 2015, estava mesmo preparada para se proteger. A dúvida sobre a eficácia dos procedimentos de segurança do país é lançada então em primeiro plano no colo do telespectador. Um claro argumento que tende a prender a atenção daqueles que talvez nem tivessem a intenção de assistir o programa até o final. A estratégia de retenção da audiência fica clara já nos trechos das entrevistas editados ainda para a abertura do programa que privilegiam momentos em que as testemunhas já anunciam o despreparo da polícia francesa para enfrentar este tipo situação e falhas na atuação das forças de ordem nacionais.

O bombardeio de informações que desorientou policiais, o choque do serviço de investigação antiterrorista ao constatar o acontecido, além de problemas no repasse de informações ao comando de atuação dos esquadrões de elite também são enfatizados. O programa, já nos primeiros minutos, revela sua intenção implícita: utilizar-se do medo, da dúvida, da sensação de insegurança para aguçar a curiosidade do telespectador, refém incondicional de uma sociedade de risco iminente. Uma entrevista com o juiz antiterrorista Marc Trèvidic afirma que o líder dos ataques, Abdelhamid Abaaoud tinha obsessão por atacar

⁵⁶ Os atentados aconteceram em Paris, entre os dias 07 e 09 de janeiro de 2015.

a França. Atrasos e dificuldades no socorro às vítimas, o medo dos cidadãos, a falta de viaturas disponíveis da polícia para acessar os locais atacados e o relato de um refém, sobrevivente da casa de shows *Bataclan*, Stéphane T., destacando, na edição de sua fala, o trecho em que afirma que pensou verdadeiramente que todos os reféns iam morrer, revelam um resumo impactante do conteúdo, além da estética na construção narrativa que virá a seguir. Finalizando a abertura, Pujadas afirma que a produção pretende revelar “a confusão, a coragem, os erros e também os golpes de sorte vividos neste terrível dia”.⁵⁷

O programa com duração de filme documentário, duas horas, e roteiro similar a filmes policiais de ação recria, através de representações simuladas, várias cenas da noite dos ataques de acordo com os resultados das investigações policiais. A narrativa é cronológica e didática. Há utilização de arte gráfica como recurso afim de mostrar a movimentação dos terroristas pelo mapa de Paris, ligando cada grupo de extremistas ao local onde cometeu os ataques. Cria-se assim, um clímax para cada ataque seguindo preceitos das narrativas clássicas em sua produção de sentido. As cenas simuladas são escuras, com jogos de luz e sombra, movimentos de câmera lenta intercalados com uma câmera que acompanha os policiais em ação. Há closes em armas, lanternas com feixes luz direcionados, escudos, coletes, capacetes. Sons de sirenes, luzes de viaturas policiais são intermitentes. Close nos carros, armas, celulares e partes dos corpos dos terroristas também integram o conjunto cênico das imagens simuladas. Nota-se aí uma linguagem próxima às séries policiais televisivas, repletas de ação, suspense em sua tentativa de representação do real. Há nesta escolha estética a intenção de afetar o telespectador, trazendo-o para dentro do cenário dos ataques, reforçando assim seu sentimento de vítima, diminuindo dessa maneira sua potência de agir.

Além das simulações das cenas vividas em cada local dos ataques, a produção criou animações em 3D detalhando a ação dos terroristas em cada endereço. As animações são cobertas pelos relatos em *off* de cada acontecimento. Nelas, os terroristas são representados por bonecos na cor negra e as vítimas são sempre bonecos brancos. O obscuro versus o puro. Imagem ideologicamente implícita na escolha das cores que já denota imenso racismo. Há uma costura cronológica de tempo com a apresentação da hora e minuto de cada ataque. O saldo de mortos e feridos em cada local é também enfatizado após a descrição da ação em cada restaurante, bar, no estádio de futebol ou na casa de shows. Esse saldo apresentado como estatística tem por efeito chocar. As vítimas viram números, impotentes frente a realidade violenta que as encontraram nesta trágica noite de 13 de novembro. Mais uma vez a sensação

⁵⁷ Tradução nossa.

de insegurança e impotência frente ao destino desastroso está enfatizada. Durante todo o programa, intercalam-se às animações, simulações e arte gráfica com o movimento dos terroristas pela cidade, imagens reais gravadas por celulares ou de câmeras de segurança, áudios reais do rádio de comunicação da polícia, depoimentos de sobreviventes, voluntários, testemunhas, socorristas e policiais que atuaram na noite dos ataques, conferindo e certificando a realidade dos fatos representados e apresentados. Uma realidade cruel exposta como uma veia aberta sem condições de sutura.

Segundo Letícia Matheus (2011), o medo é um importante desencadeador e também encadeador de experiências simbólicas da vida urbana. Citando o historiador francês, Jean Delumeau, a autora expõe a teoria elaborada por ele, sobre os níveis de medo, onde o primeiro nível seria composto pelas angústias, melancolia e o medo do desconhecido, muito comuns para a grande parte das pessoas. Enquanto o segundo nível, seria reflexo do primeiro, objetivado em elementos do cotidiano. Alguns medos são objetivados em determinados momentos como se esperassem a chance de emergir de um subsolo inconsciente. O medo de atos de terrorismo praticados por extremistas religiosos, por exemplo, é amplificado e integra uma longa lista de medos aos quais precisam enfrentar os cidadãos na contemporaneidade ao redor do mundo. A autora questiona se “os meios de comunicação acabam por despertar a sensação de falta de controle sobre a realidade, de insegurança, de angústia” (MATHEUS, 2011) ou “se a mídia não seria uma maneira de vivenciar o medo de modo menos assustador, controlando-o sob a forma discursiva”. Impotência ou controle?

Após duas horas de programa é lícito questionar se a produção rememorou e intensificou o medo do cidadão francês novamente um ano após a tragédia. Ao apontar treze importantes e impactantes falhas⁵⁸ nos serviços de proteção e apoio ao cidadão com

⁵⁸ O programa aponta 13 falhas cometidas na noite dos atentados: 1 – decisão de trancar ou não as pessoas no estádio de futebol quando se constata a explosão de bombas do lado externo; 2- despreparo tático da polícia para situações de múltiplos ataques; 3 – alguns terroristas que participaram dos atentados já eram conhecidos dos serviços de informação antiterrorista; 4 - militares que chegam ao local são impedidos por protocolo de usarem armas de guerra no contra-ataque aos terroristas do *Bataclan* que atiravam pela janela do imóvel; 5 – bombeiros e socorristas são impedidos de entrar ou sair do perímetro de segurança estabelecido na região do *Bataclan* atrasando o socorro às vítimas; 6 – congestionamento do centro de chamadas e pouco contingente disponível do SAMU para informação e socorro às vítimas; 7 - serviço de investigação antiterrorista em choque quando constata sua incapacidade em prevenir os ataques. 8 – Demora na chegada e no início da intervenção da força de elite da polícia, BRI, no *Bataclan*; 9 – conflitos entre as forças de elite da polícia RAID e BRI; 10 – terrorista que participou dos ataques em fuga, é barrado na fronteira com Bélgica ainda na madrugada dos crimes, mas é liberado; 11 – o centro de informações montado e bem preparado pelo Ministério do Interior para apoio às famílias das vítimas não é acessado pelos cidadãos. 12 – Informação errada na identificação das vítimas. Mãe é informada que a filha morreu e só descobre cinco dias depois, que ela estava viva. 13 – O programa levanta dúvidas sobre a atuação do RAID na intervenção no imóvel onde estava escondido o líder dos atentados, Abdelhamid Abaaoud, onde parece ter havido tiros de policiais contra policiais. Abaaoud foi morto nesta ação.

dramatizações bem produzidas, testemunhos de sobreviventes, policiais que atuaram no momento dos ataques, funcionários e líderes de órgãos competentes do governo, socorristas e políticos, a impressão que permanece, depois dos créditos finais é a de que a França se encontra vulnerável. Vários depoimentos confirmam esse sentimento. Uma agente de informação do DGSI⁵⁹, Diane⁶⁰, em entrevista reconstituída para manter seu anonimato, afirma que o relatório de um interrogatório realizado com um francês que acabara de voltar da Síria, três meses antes dos atentados, expõe o plano do terrorista líder dos ataques de 13 de novembro, Abdelhamid Abaaoud. O programa simula com um ator, a fala do interrogado.

Reda Hame: ele (Abdelhamid Abaaoud) é muito perigoso. Pediu-me para escolher um alvo fácil, como um grupo de pessoas, um show, por exemplo, onde houvesse muita gente. Orientou-me que depois da ação, eu aguardasse a chegada das forças de intervenção antiterroristas e morresse em combate, junto com os reféns.⁶¹

A revelação é chocante à medida que expõe a falta de ação preventiva, mesmo após o acesso à informação tão explícita. O mesmo impacto pode ser sentido com o depoimento de um socorrista que atuou no socorro às vítimas do atentado do *Bataclan*, Cyrill Bonnet, se revelando impotente frente aos protocolos de segurança:

Cyrill Bonnet: A zona não estava suficientemente protegida pelas forças de segurança para que fizéssemos a remoção das vítimas. E, se não está segura, estamos sozinhos. Por isso, não tivemos reforços não importando o número de vítimas. O mais difícil para nós que somos socorristas foi vermos pessoas feridas, chegando até nós conscientes, vivas, pedindo nossa ajuda e, minutos depois, entrando em coma, em ataque cardíaco e morrendo.

Em rua próxima à casa de shows *Bataclan*, segundo o *off* do programa, 80 feridos foram levados para dois corredores, onde um grupo pequeno de socorristas improvisava no atendimento a um grande número de vítimas com os materiais disponíveis como os cintos dos seus próprios uniformes. Mykail Guedj, um dos jornalistas produtores do programa, sentado na bancada junto ao apresentador, esclarece que, como havia dúvidas sobre se haveria ou não terroristas armados escondidos ou bombas, a polícia estabeleceu um perímetro de segurança onde ninguém podia entrar ou sair, inclusive ambulâncias e bombeiros. O apresentador questiona o fato, logo em seguida à explicação, “então os feridos ficaram sem socorro?”⁶² e a coprodutora do programa, a jornalista e diretora de documentários, Caroline Benarrosh também sentada na bancada ao lado do apresentador responde destacando ainda mais o

⁵⁹ Direção Geral de Segurança Interior.

⁶⁰ Nome fictício para proteção da entrevistada.

⁶¹ Tradução nossa.

⁶² Tradução nossa.

cenário de terror: “este é um problema, já que os feridos por *Kalashnikov*⁶³ têm terríveis hemorragias e, para salvar um ferido com essa arma é necessário o transporte imediato para um centro cirúrgico”⁶⁴. Guedj completa Benarrosh acentuando o clima chocante. “O mais frustrante é que há 400 metros deste local havia um posto médico equipado com tudo, mas que, naquele momento, ficou inacessível”⁶⁵. Em cada fala dos apresentadores no estúdio, nos questionamentos que revelam detalhes, nos relatos dos envolvidos na segurança do país ou nos resgates das vítimas se identifica a intenção de mostrar a falta de preparo e a “confusão” que também foi responsável pela morte de diversas pessoas. Ou seja, o Estado não pode proteger seus cidadãos que também foram vítimas de incompetência na ação.

O apresentador reforça a necessidade de não se ignorar os riscos aos quais ficam submetidos os socorristas, o que ele denomina de “dilema”. O tom dramático continua nos depoimentos de voluntários que ajudaram a reanimar feridos nos bares e restaurantes atacados e dos próprios policiais se deparando com as cenas de terror. A major Sophie T⁶⁶, cujo rosto não é revelado, classificou de “carnificina” a cena presenciada por ela no bar com o maior número vítimas, o *Belle Equipe*, que teve 20 mortos e 17 feridos. Em sua entrevista, Sophie conta que é acionada pelo rádio quando está jantando e relata a dificuldade que teve em encontrar o endereço correto. O áudio real do rádio da policial revela que a major se encontrava pedida pelas ruas do *11ème arrondissement*, bairro onde ocorreu a maioria dos ataques. Despreparo? Casualidade? Muitas dúvidas despejadas em sequência para a reflexão do telespectador.

Contudo, a entrevista mais detalhada e longa do programa é a de Stéphane T., cientista da computação, 50 anos, um dos reféns sobreviventes da casa de espetáculos *Bataclan*. Stéphane relata minuciosamente cada momento de terror que, no local, durou mais de duas horas. Ele relembra suas decisões tomadas sob pressão, como o dilema entre fugir e correr o risco de ir ao encontro de um dos terroristas ou de se esconder; o pânico da multidão; os gritos dos feridos pedindo ajuda. Stéphane detalha as reivindicações dos terroristas, seus diálogos, o estado psicológico de “excitação” frente a cada ação tática da polícia percebidos durante o cativeiro. Sua entrevista começa com a exibição de imagens reais da banda *Eagles Off Death*

⁶³ Outra denominação para a arma AK-47. Fuzil de calibre 7,62 x 39 mm criado em 1947, por Mikhail *Kalashnikov* e produzido na União Soviética pela indústria estatal IZH.

⁶⁴ Tradução nossa.

⁶⁵ Tradução nossa.

⁶⁶ Nome fictício para proteção de anonimato

*Metal*⁶⁷ que se apresentava no *Bataclan* naquela noite e a descrição sobre sua localização exata na plateia, o balcão do segundo andar.

A entrevista é interrompida na primeira frase, quando o *off* descreve o início da ação dos terroristas na casa de shows mostrando cenas reais da banda tocando quando os primeiros tiros são ouvidos e sentidos pelos integrantes. *Fade* na tela. Sob som de tiros captados pelas imagens reais gravadas por celular. Volta o *off* informando que, neste momento, os terroristas deram 250 tiros ininterruptos direcionados ao público. Animações em 3D reconstituem todas as cenas de agonia relatadas meticulosamente por Stephane, passando pela intervenção do BRI⁶⁸, o suicídio dos terroristas, até a liberação de todos os reféns com vida. De acordo com Matheus (2011), a ilustração ainda que estática nas páginas do jornal, já é um recurso da estética sensacionalista, um efeito dramático utilizado em abundância e em movimento nesta produção exibida pelo canal *France2*. A entrevista do sobrevivente permeia a narrativa que optou por uma abordagem estritamente sensacionalista do ataque mais mortal da noite, costurando o enredo e reconstituindo a agonia ilustrada, encenada, registrada e relatada deste histórico 13 de novembro.

4. Conclusão

A ideia da construção de um espetáculo televisivo pelo canal *France 2* ficou evidente ao longo da análise. Kleber Mendonça (2002) comenta que esse tipo de construção se manifesta através da utilização em larga escala por programas jornalísticos de imagens de simulação – como produtora de uma única verdade capaz de mobilizar o telespectador - cujo conteúdo são acontecimentos violentos. Com a evolução tecnológica dos meios de comunicação a imagem vai se sofisticando na veiculação da informação. Novas tecnologias possibilitam recursos visuais na TV e no cinema com uma multiplicidade de possibilidades, transformando simples imagens num impressionante efeito de realidade. O recurso de animações e reconstituições encenadas de várias cenas referentes aos atentados são demonstrações da tentativa de se atingir um nível apontado como "status de verdade".

A questão da construção da verdade jornalística não gira em torno da objetividade, mas da capacidade de uma produção de sentido específica, constituída a partir da imagem como vetor consensual que, ao produzir o efeito de realidade, constrói também a certeza da incompetência do poder público, o pânico social fruto da sensação de catástrofe iminente e o conseqüente desejo de vingança. (MENDONÇA, 2002, p.52).

⁶⁷ Banda americana de rock metal.

⁶⁸ Brigada de investigação e intervenção da polícia francesa. A sigla significa *Brigade, Recherche, Intervention*.

O contato direto e diário com a iminência do caos transmitida pela mídia impregna no imaginário dos cidadãos causando insegurança e motivando a necessidade se defender em grupo. Segundo Matheus (2011), o medo individual se transforma em medo coletivo na experiência urbana e se constitui num criador de “vínculos memoráveis”. Ao espetacularizar a tragédia enfatizando a origem étnica, as motivações religiosas dos terroristas e as falhas nos esquemas de segurança do país, cenas de violência e pânico, a mídia parece disseminar ainda mais a ideia do medo coletivo e do distanciamento necessário e precavido do altero.

Mesmo sendo os terroristas, em sua maioria, franceses ou belgas, suas origens familiares árabes são reveladas e enfatizadas em artes gráficas exibidas na tela como fichas policiais com suas fotos, nomes, sobrenomes, idade e datas em que partiram para a Síria. Desde a vinheta de abertura até o fechamento do programa, vemos testemunhos aterrorizados, desculpas governamentais para erros cometidos, imagens chocantes, tristeza, atos de heroísmo, sentimento de impotência e terror, muito terror. As imagens de reconstituições carregadas de dramaticidade compostas por diversos elementos estéticos de suspense e ação; a construção de um enredo incluindo dezenas de imagens reais capturadas por celulares e câmeras de segurança e testemunhas; mapas da cidade identificando, como num jogo de gato e rato, a localização e percurso de terroristas e policiais intercaladas com animações em 3D, carregam não só a finalidade simbólica de rememorar detalhadamente os acontecimentos da noite de 13 de novembro, mas de chocar e questionar duramente a segurança do país.

Mesmo apoiada na máxima jornalística da disseminação da verdade e da informação, há nesta produção midiática efeitos colaterais previstos ou não: a disseminação da insegurança coletiva, a ideia da vida cotidiana sob risco e o fortalecimento do medo do “outro” que, sendo radical nos ataques, é personificado no cotidiano pelo imigrante árabe muçulmano, seja ele apenas o vizinho do prédio, o amigo da escola ou um trabalhador ordinário francês de descendência árabe.

É possível afirmar que atualmente, o indivíduo precisa, cada vez mais, se tornar consciente das forças que agem por de trás do discurso das mídias e também a perceber que é necessário desenvolver a capacidade de questionar os modos como usa a mídia e as novas tecnologias. Celot (2012) afirma que todos nós devemos nos tornar “media competente”, ou seja, devemos trabalhar nossas competências que vão permitir tomadas de decisões e escolher mais informadas e aumentarão nossa capacidade de nos comunicarmos com os outros. Portanto, podemos concluir que, para ser capaz de interpretar e refletir sobre as novas mídias, é necessário ter bons conhecimentos técnicos e entender a quantidade de informações que estão ao nosso dispor – normalmente as pessoas não questionam o que está “abaixo da

superfície”. Com a habilidade de questionamento, será possível compartilhar conhecimento com os menos favorecidos e interpretar as informações que chegam através das mídias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. Edições 70: São Paulo, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien: Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BORGES, Gabriela. **Observatório da Qualidade no Audiovisual: uma proposta de literacia midiática**. Centro de Investigação em Artes e Comunicação. Universidade do Algarve, Portugal. Disponível em:
<http://www.crossmediaplatform.ciac.pt/downloads/multimedia/texto/66/anexos/observatriodaqualidadenoaudiovisual.pdf>.

Celot, Paolo. **EAVI PT - Uma viagem para a literacia mediática**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Eo-hFD5Ot6E>. Acesso em: 29 de jul. 2017.

COUVELAIRE, Louise. **Les Attentats de janvier 2015 on fait plus de 200 victimes**. Disponível em:<http://www.lemonde.fr/societe/article/2017/01/09/le-dernier-bilan-des-attentats-de-janvier-2015_5059581_3224.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. **Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores**. Revista Lumina, vol.9, nº1, junho 2015.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Tradução: Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MATHEUS, Letícia. C. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**: Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MENDONÇA, Kleber. **A punição pela audiência: um estudo do Linha Direta**. Quartet Editora & Comunicação Ltda.: Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Anne Cristine Ferraz de. **Conteúdo editorial versus conteúdo publicitário: literacia midiática e digital aplicada a blogs**. Revista Temática, Ano XII, n. 08. Agosto/2016. NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>.

SOUZA, Fabíola. **Testemunhas do terror: o ataque a Paris segundo os brasileiros**. In: INTERCOM, XXXIX, 2016, São Paulo. Anais... Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0100-1.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2016.

Vídeo analisado:

CELLULE DE CRISE : 13 NOVEMBRE, QUAND LA FRANCE VACILLE :

<<https://www.youtube.com/watch?v=Wt8Hk3-L7OI>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.